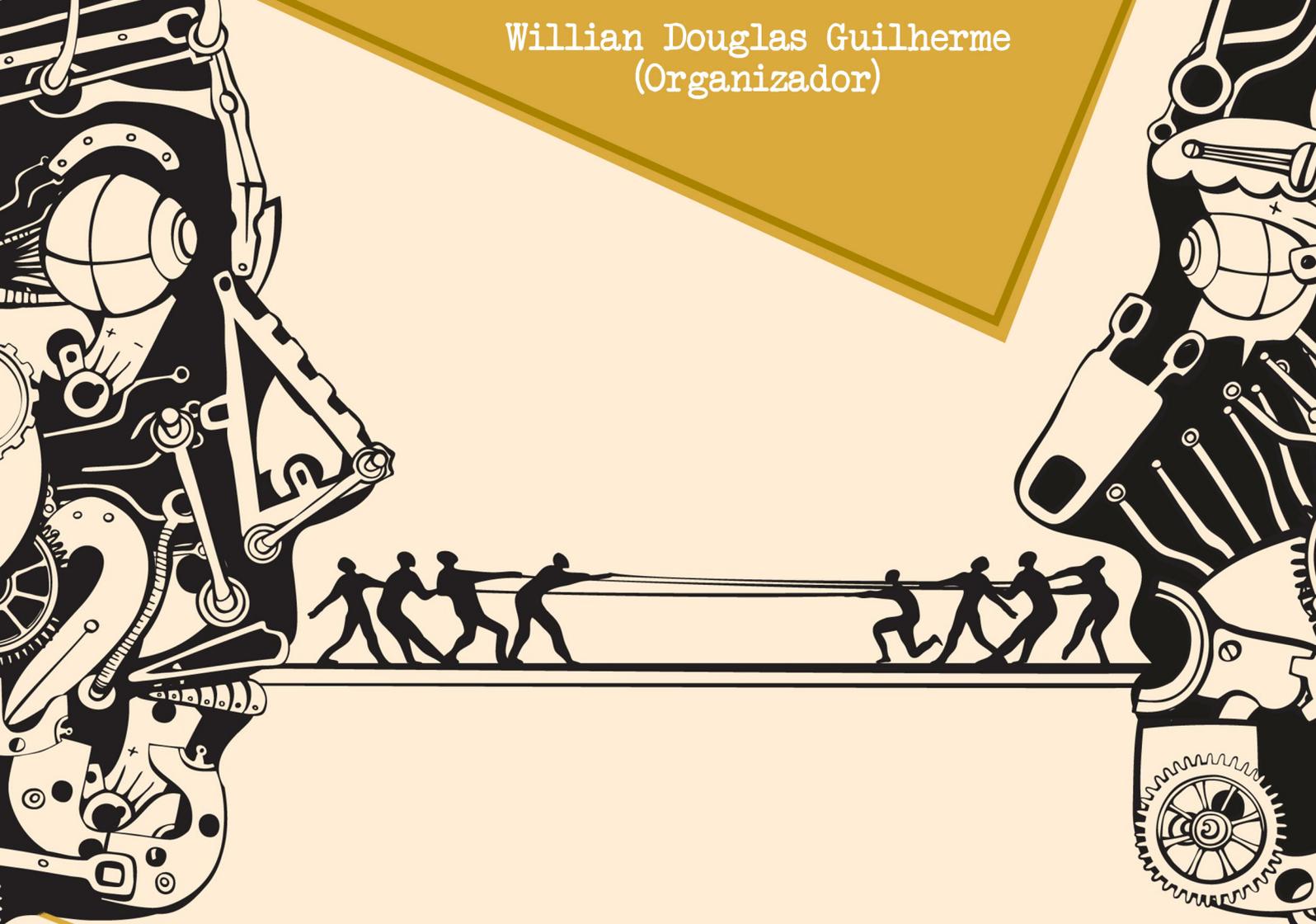


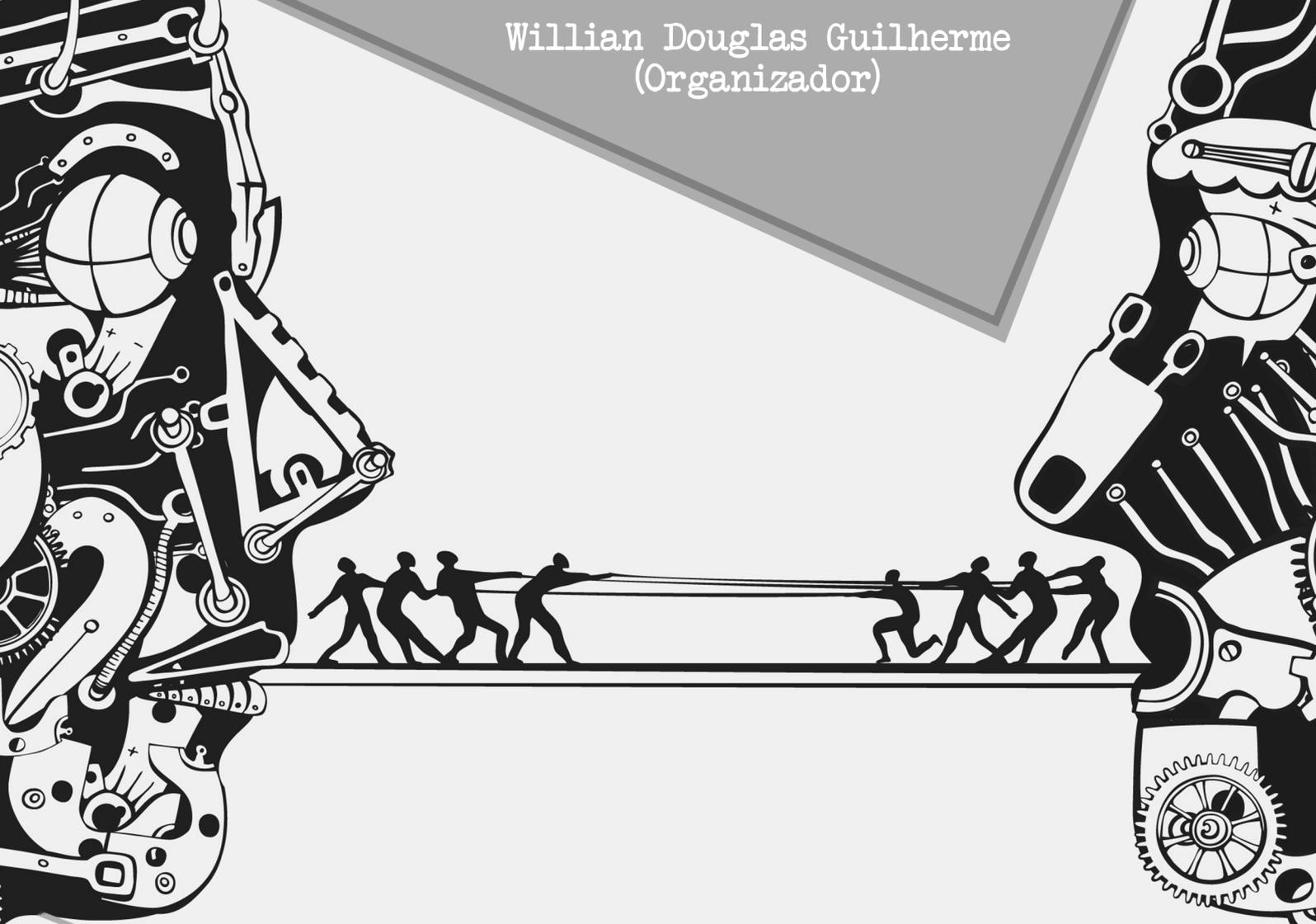
Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



# Filosofia: Aprender e Ensinar

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



# Filosofia: Aprender e Ensinar

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
F488	Filosofia [recurso eletrônico] : aprender e ensinar / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-683-6 DOI 10.22533/at.ed.836190710  1. Filosofia. 2. Fenomenologia. 3. Indústria cultural. I. Guilherme, Willian Douglas.  CDD 142.7
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro “Filosofia: Aprender e Ensinar” reúne 13 artigos de pesquisadores de diversos estados brasileiros. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da filosofia aplicada a educação.

Deste modo, a obra traz um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade na filosofia, ensino de filosofia, filosofia e a educação infantil, práticas inclusivas, fenomenologia e indústria cultural.

Vale a penas visitar o índice e percorrer os 13 artigos que nos convidam a um debate crítico e saudável na prática da filosofia e/em/na educação.

Entregamos ao leitor a obra “Filosofia: Aprender e Ensinar” na intenção de divulgar o conhecimento científico e cooperar, por meio do conhecimento e prática filosófica, com a construção de uma educação cada vez melhor.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DISPOSITIVO DO APRISIONAMENTO E O DISPOSITIVO DA INFÂNCIA	
Danyelen Pereira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.8361907101	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
A INTERDISCIPLINARIDADE NA FILOSOFIA: COMO TRABALHAR A CIÊNCIA DA ASTRONOMIA COM A FILOSOFIA PARA AUXILIAR NA REFLEXÃO SOBRE O EU	
Carlos Alexandre do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.8361907102	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
O ENSINO DE FILOSOFIA E O DES-COBRIMENTO DO OUTRO	
Gregory Rial	
DOI 10.22533/at.ed.8361907103	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
FILOSOFIA COM CRIANÇAS? AS ERRÂNCIAS DE UMA DISCIPLINA EXPERIÊNCIA	
Ana Paula da Rocha Silvares	
Edeny Gomes Furini	
Jair Miranda de Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.8361907104	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
“FILOSOFIA COM CRIANÇAS”: POTENCIALIZANDO CURRÍCULOS E COTIDIANOS NAS ESCOLAS	
Cristiane Fatima Silveira	
Giovana Scareli	
DOI 10.22533/at.ed.8361907105	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
COM AS CRIANÇAS, O DELÍRIO DO VERBO: TECENDO DIÁLOGOS E POESIAS	
Ana Isabel Ferreira Magalhães	
Cristiana Callai de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8361907106	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
(DES)VELANDO E (RE)SIGNIFICANDO DE SENTIDOS PARA UMA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA ATRAVÉS DA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR	
Ana Karyne Loureiro Furley	
Hiran Pinel	
Vera Lúcia de Oliveira	
Vitor Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.8361907107	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
ATELIÊ DE ESCRILEITURAS CONATUS	
Josimara Wikboldt Schwantz	
Carla Gonçalves Rodrigues	
Ana Paula Freitas Margarites	

DOI 10.22533/at.ed.8361907108

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
FAVELA E ONG – PRÁTICAS PARA ALÉM DO MEDO E DA ESPERANÇA	
<a href="#">Renata Tavares da Silva Guimarães</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8361907109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>110</b>
A SUBJETIVIDADE COMANDADA E A JUSTIÇA INSTITUÍDA	
<a href="#">Márcia Bárbara Portella Belian</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83619071010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>122</b>
DEUS, JUSTIÇA E A LINGUAGEM DO AMOR ÉTICO EM EMMANUEL LÉVINAS E HERCULANO PIRES	
<a href="#">Rogério Luís da Rocha Seixas</a>	
<a href="#">Edson Santos Pio Júnior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83619071011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
FENOMENOLOGIA DO ROSTO EM EMMANUEL LEVINAS	
<a href="#">Abimael Francisco do Nascimento</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83619071012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>143</b>
NOTAS PARA PENSAR A INDÚSTRIA CULTURAL NA ERA DIGITAL	
<a href="#">Deborah Christina Antunes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83619071013</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>154</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>155</b>

## COM AS CRIANÇAS, O DELÍRIO DO VERBO: TECENDO DIÁLOGOS E POESIAS

**Ana Isabel Ferreira Magalhães**

Instituto do Noroeste Fluminense de Educação  
Superior, Universidade Federal Fluminense  
Santo Antônio de Pádua – Rio de Janeiro

**Cristiana Callai de Souza**

Instituto do Noroeste Fluminense de Educação  
Superior, Universidade Federal Fluminense  
Santo Antônio de Pádua – Rio de Janeiro

**RESUMO:** Esta pesquisa apresenta uma imersão no cotidiano escolar, acompanhando os processos de leitura e escrita de crianças em turmas de alfabetização em uma escola no município de Palma, Zona da mata Mineira. Como a força do tear que trabalha devagar, para frente e para trás, esta pesquisa adquire delicados traços entremeados às vozes que soam e fazem ressoar outras vozes ao encontrar-se com a poesia a qual tem a voz de seus autores, sem a preocupação com a ortografia, não precisando ser obedientes às normas gramaticais ou presas à sintaxe. Crianças que se servem da palavra para entoar. Nesses alinhavos que acontecem no cotidiano, a turma do 1º ano da Alfabetização do Ensino Fundamental, trouxe, entre os fios, outros caminhos possíveis para os processos de leitura e escrita. Crianças entre 6 e 7 anos de idade descobrindo poesias e nesse movimento tecem a escrita. Este trabalho é fiado com

o propósito de pensar na multiplicidade de sentidos que habita as poesias das crianças na alfabetização, antes de saberem ler ou escrever alfabeticamente e que nascem da experiência com a palavra escrita. Dialogamos a respeito das produções poéticas de crianças recolhidas em suas “leituras de mundo” que antecedem o texto escrito e se apropriam dos usos da linguagem a partir do dialogismo da palavra. A proposta metodológica foi traçada a partir do viés qualitativo utilizando os seguintes instrumentos para coletas de dados: observação no cotidiano escolar, conversas com as professoras e com as crianças e anotações no diário de pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia; Crianças; Alfabetização.

### WITH CHILDREN, THE DELIVERY OF THE VERB: WEAVING DIALOGUES AND POETRIES

**ABSTRACT:** This paper presents the daily routine of children who are learning how to read and write at an elementary school in the city of Palma, Minas Gerais, Brazil. In this slow and steady process of learning children are able to express their voices through poetry without being worried about spelling. They are unattached from grammatical rules and syntax. They use the word to sing. Children currently attending the first year of literacy came up with

new ways to approach the processes of reading and writing. These 6 and 7 years old students develop writing skills as they discover poetry. This research aims to reflect on the variety of meanings that poems produced by children in the literacy process can take. Such poems are born from children's experiences with the written word, even before they learn how to alphabetically read or write. We discussed poetry produced by children who still have not learned how to read and write alphabetically but practice their "world view" that precedes the written text to appropriate of the use of the language that arises from the dialogism present in the word. This research used a qualitative method to analyze data collected based on the following: observation of the school's daily routine, conversations with professors and the children, and notes registered on the Research Notebook.

**KEYWORDS:** Poetry; Children; Literacy.

## 1 | PALAVRAS ENTRELAÇADAS

Eu queria pegar na semente da palavra (Manoel Barros, in: Menino do mato, 2017, p. 85).

A professora pediu para as crianças falarem palavras que gostariam que tivessem na poesia, depois as escrevia no quadro conforme iam dizendo: ESTRELINHA, CÉU, BONECA, ESTRELA, MENINA, CORAÇÃO. A professora sugeriu que falassem suas ideias a fim de produzirem conjuntamente a poesia. As ideias foram surgindo. Logo a primeira frase: ESTRELINHA NO CÉU (Wemerson), A MENINA NO AVIÃO (Wehenner). O movimento de palavras continuava, às vezes, as próprias crianças concluíam, com a intervenção da professora, que algumas palavras ou frases, não ficariam "bonito". Deyvison disse "Indo em sua direção". Thalita falou "Pra pegar". Wemerson completou "A estrelinha". A professora leu a poesia para que as crianças ouvissem como estava ficando, ao final da leitura Rhiam completou com a frase "Com a palma da sua mão". Assim ficou a poesia:

ESTRELINHA NO CÉU

A MENINA NO AVIÃO

INDO NA DIREÇÃO

PARA PEGAR A ESTRELINHA

COM A PALMA DE SUA MÃO

(Diário de Pesquisa – 06 de abril de 2017).

Na sala de aula, provocadas pela professora, as crianças foram dizendo palavras para com as mesmas tecerem poesia. Palavras dialogadas. Palavras soltas e sem amarras. Palavra que chama outra palavra. Palavra que ao encontrar com outra, vira frase e depois poesia. Palavras que moram no mundo dessas crianças. Palavra de Wemerson, que atrai a palavra de Wehenner, esta agita a palavra de Thalita que encontra com a de Wemerson, esbarra na palavra de Rhiam e se entrelaçam... Fios

que se entrelaçam e tecem poesia. As palavras brincam, escorregam pelo olhar das crianças.

As palavras que carregam em si informações exigem “prontidão e consumidores”, porém as palavras leves, aquelas que voam, querem brincar e bailar, com a imaginação tenta “fazer com que seus leitores respirem de outra maneira” (SKLIAR, 2014, p. 22). Respirar para sentir. Sentir o que pulsa. O que move. A poesia é encharcada do mundo no qual vive o poeta, suas palavras matizam tonalidades variadas de cores, como um arco-íris no céu que tanto nos encanta, tamanha leveza que traz. Naquele momento, na sala de aula, as palavras traçavam seu itinerário, sem mapas, nada as forçavam, estavam libertas das amarras e dos porões. ESTRELA – CÉU – MENINA... As crianças brincavam com as palavras, recriavam-nas e quando fazem isso “não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavratório” (LARROSA, 2016, p.17).

A criança ao se relacionar com o mundo, além de receber informações e impressões a partir de outros olhares, é também capaz de apalpá-lo e compor seu olhar sobre o mesmo. A criança aprende com o mundo. Brinca. Dialoga. A criança recolhe do mundo cores, impressões e sentidos através de seu olhar e os transforma em suas “leituras de mundo” que “antecede a leitura da palavra” (FREIRE, 1986). Talvez, nessas leituras de mundo, colhidas pelas crianças antes mesmo de saberem ler ou escrever, as mesmas conseguem pegar na semente das palavras. Contemplá-las. Gestá-las. Cada criança compõe suas leituras de mundo e tece sua história, uma vez que, seu contato com o mundo não é somente físico, é também histórico “na existência dos homens o *aqui* não é somente um espaço físico, mas também um espaço histórico” (FREIRE, 2015, p.124). Espaço que aprende. Dialoga. Faz-se sujeito de sua história.

No prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido*, Ernani Maria Fiori (2015) nos alerta para a necessidade do homem aprender a dizer a palavra, porém não é qualquer palavra, mas a “sua palavra, pois, com ela, constitui a si mesmo e a comunhão humana em que constitui; instaura o mundo em que se humaniza, humanizando-o” (p.17). É a palavra autêntica, comprometida com sua história e com a transformação do mundo no qual o sujeito vive. É através da palavra que o homem se torna humano. Fiori acrescenta ainda que a palavra pessoal, criadora não deve ser guardada, isolada da multidão e muito menos repetida como um monólogo sem identidade. De acordo com esse autor:

A palavra instaura o mundo do homem. A palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as; não é só pensamento, é “práxis”. Assim considerada, a semântica é existência e a palavra viva plenifica-se no trabalho. Expressar-se, expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária. Poderíamos dizer que a palavra, mais que instrumento, é origem da comunicação – a palavra é essencialmente diálogo. A palavra abre a consciência para o mundo comum das consciências, em diálogo, portanto. Nessa linha de entendimento, a expressão do mundo consubstancia-se em elaboração do mundo e a comunicação em colaboração. E o homem só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo

comum – só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo. A palavra, porque lugar do encontro e do reconhecimento das consciências, também o é do reencontro e do reconhecimento das consciências, também o é do reencontro e do reconhecimento de si mesmo (FIORI, 2005, p. 25).

A poesia tecida pela turma da Alfabetização foi fiada através da palavra das crianças. Palavras lançadas uma para a outra instaurando e inaugurando mundos, anunciando suas histórias. Na dinâmica da sala de aula, as palavras não apenas nomeiam coisas ou objetos, trazem algo a mais. Palavras que expressam o mundo, no qual são sujeitos. Pérez (2003) salienta que aprender a palavra é aprender seu significado, o qual está inserido em um modo de ser e pensar. Palavra para gerar encontro, gerar clima de amizade, confiança e respeito, ou seja, uma relação horizontal, dialógica. Palavras que fazem enxergar o outro e faz também o “eu” ser visto para juntos pronunciarem seus mundos em poesia. Gestos que viram palavras, as quais remetem-nos a Freire.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles um novo *pronunciar*. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão (FREIRE, 2015, p.109).

É na palavra autêntica, aquela que expressa e modifica o mundo que demonstramos nossa existência. Ao pronunciar as palavras na sala de aula, a criança manifesta sua história, demonstra sua existência. Aprendem que precisam dizer a sua palavra. É na palavra que somos tecidos (LARROSA, 2016). Dizer a palavra, aquela que nos toca e nos torna sujeitos. Dizer, ora aquelas palavras que se mostram e nos mostram entre montanhas e mares, sem vergonha e sem medo, podemos usá-las até como brincos, ora palavras que nos recolhe para dentro de nosso mundo interno derrubando muros e paredes a fim de apalpar nosso eu, ainda que estejamos escondendo nosso mundo de nós mesmos.

Larrosa (2016) enfatiza que só podemos falar e escrever usando palavras comuns e que essas palavras são ao mesmo tempo de todos e de ninguém. Falar e escrever com as nossas palavras, aquelas que nos são próprias, significa colocar na língua o que sentimos a partir de dentro nós. Sentir o que a palavra tem a ver conosco é sentir nossa própria palavra, pois são palavras que de alguma maneira nos dizem “embora não sejam de nós de quem falam” (p. 70).

Palavras para serem descobertas e não explicadas, palavras são sempre busca. Aprendizado. Freire (2015) enfatiza que dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, todos nós temos esse direito e justamente por isso não podemos dizer a palavra como se fosse algo prescrito ou linear. As palavras precisam pegar delírio para que o encontro aconteça. Envergá-las se preciso for. Arrastá-las. Ao dizer as palavras, as crianças pronunciam seus mundos e os transformam, trazem significado enquanto sujeitos, tecem o diálogo em forma de poesia.

O diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. [...]. Se é dizendo a palavra com que, *pronunciando* o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (FREIRE, 2015, p.109).

O diálogo é um dos traços condutores da teoria freireana o qual entremeado nessa pesquisa, por entre o *fio da poesia*, conduz reflexões sobre a tessitura das poesias das crianças. Freire (2015) esclarece que é no diálogo que as pessoas se encontram, mas não para dizerem palavras *para* outros, em um ato que um rouba a palavra dos demais. Não. O diálogo também não é imposição, pois assim se reduziria a um ato de depositar ideias e verdades de um sujeito em outro e nem é troca de ideias para serem consumidas e devoradas sem reflexão. Freire (2015) continua a nos explicar que o diálogo não é uma discussão guerreira ou polêmica entre pessoas que não querem se comprometer com a transformação do mundo, sujeitos que não se preocupam em pronunciar o mundo ou inaugurar outras formas de pensar, apenas querem impor a sua verdade. O diálogo é o encontro no qual as pessoas se pronunciam mediatizados pelo mundo, tecem significado, por isso é uma exigência existencial. No diálogo, se encontram pessoas que ao pronunciarem o mundo descobrem também o mundo do outro, por isso, o diálogo é um ato de criação assim como as poesias das crianças do 1º ano de alfabetização (FREIRE, 2015).

Freire (2015) enfatiza que o diálogo é o suporte no qual se tece uma relação horizontal, produz a conscientização libertadora e transformadora. O sujeito diz a sua palavra, dialoga com o outro, pronuncia o mundo, se compreende como sujeito histórico, que faz a história e que é capaz de, através da linguagem do diálogo, ou seja, através da linguagem dialógica, se reconhecer também no outro, pois na “teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração” (FREIRE, 2015, p.227). Tecendo junto. Entrelaçados. O diálogo tecido nessa perspectiva tem o poder de nos levar ao encontro do outro. Descobri-lo. Crescer junto com o outro. Agindo e refletindo juntos, ambos pronunciando o mundo, dizendo seus desejos, pronunciando as *nossas* palavras. Não é assim que estabelecemos nossas relações? Ao pronunciar nosso mundo abrimo-nos para o outro, assim como, passamos a conhecer o outro na medida em que ele pronuncia seu mundo.

## 2 | FIANDO DIÁLOGOS COM POESIA

Escrever o que não acontece é tarefa da poesia. (Manoel de Barros, in: Menino do Mato, 2017, p.35).

As crianças gostaram do que fizeram e Wehenner pediu para que fizessem outra poesia: *Tia, vamos fazer agora poesia de vampiro!* Tia Rosemary gostou da ideia e perguntou quais palavras poderiam usar na poesia do Vampiro e as crianças

aos poucos iam dizendo: VAMPIRO, NOITE, MENINO, SANGUE, MEDO, DENTE AFIADO. As crianças foram dizendo palavras, frases foram formando e a poesia do Vampiro aconteceu:

NA NOITE DE LUA CHEIA

SAIU O VAMPIRO

COM SEU DENTE AFIADO

ENCONTROU UM MENINO

QUE ESTAVA COM MUITO MEDO

O VAMPIRO DISSE: CUIDADO!

O MENINO EDUCADO RESPONDEU:

SEU VAMPIRO, MUITO OBRIGADO!

Diário de pesquisa, 06 de abril de 2017

Enraizadas no diálogo, as palavras vão produzindo um intenso movimento de ideias, brilho nos olhos, confiança, vontade de fazer “o diálogo instalado explicitava a existência de outras formas de ensinar, formas que não estão limitadas ao espaço da sala de aula” (PÉREZ e SAMPAIO, 1998, p.45). Através do diálogo o grupo se integra, o outro passa a fazer parte desse momento, com seus gestos, olhares e singularidades. Uma educação pautada em um diálogo coletivo no qual a voz do outro é ouvida gera encontros dentro de um grupo, encontro conosco também, através do outro nos conhecemos.

O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não *nivela*, não reduz um ao outro. Nem é favor que faz ao outro. Nem tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que constitua. (FREIRE, 2003, p.118).

Dentro do mundo, sentimos seu cheiro e seu paladar, nessa dinâmica, o cotidiano escolar torna-se um espaço de trocas sociais, simbólicas e linguísticas, espaço onde revelamos nossas leituras de mundo que vêm “cultural e socialmente se constituindo” (FREIRE, 2006). O sujeito está inserido no cotidiano e ali as relações estabelecidas promovem essas trocas “culturais, ideológicas e discursivas que engendra seu modo de ser, pensar, sentir, agir” (PÉREZ, 2003, p.126). No cotidiano escolar, estreitamos esse intercâmbio quando mostramos nossa história, nosso modo de falar e de escrever, nossa cor, nossos gestos impregnados de nosso mundo, é nesse cotidiano que também nos diferenciamos uns dos outros, ao mesmo tempo em que aprendemos e crescemos também com outro, a partir das dobras do outro.

A criança concebe a escrita como simbólica, portadora de significado e de sentido. A significação provém da experiência concreta da criança com o mundo, e o sentido se produz nas relações dialógicas dela com o objeto de conhecimento com o qual está interagindo (PÉREZ, 1997, p.66).

Ao interagir com o mundo no qual faz parte, a criança carrega traços desse mundo em sua linguagem e em seus gestos, somos tecidos tudo junto: gestos, palavras, olhares. Freire (2000) nos ensina que “é na prática de experimentarmos as diferenças que nos descobrimos como eus e tus”, no outro tem um pouco de mim, assim como eu também tenho do outro, pois “a rigor, é sempre o outro enquanto tu que me constitui como *eu* na medida em que eu, como *tu* do outro, o constituo como eu” (p.96). Entrelaçados. Nosso mundo chega ao outro, o tu adentra nosso universo quando com ele dialogamos, assim também salto para o mundo do tu e nele nos constituímos.

Bakhtin (1992) nos diz que os sujeitos crescem um com o outro a partir do diálogo. Quando o “eu” enuncia a palavra já está encharcada da palavra do “outro”. Segundo Bakhtin “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor” (1992, p.113). Não é só o “eu” que enuncia sozinho, quando o “eu” se enuncia ele já está marcado pelo “tu”, que é muito mais que uma relação pessoal, é uma relação de discurso, composto por valores e leituras de mundo.

Com o eu e o tu, entendendo que eu também sou o tu. Olhares, gestos, imaginação, leituras de mundo dos “eus” e do outro na poesia. Freire (2003) afirma que “não penso autenticamente se os outros não pensam” (p.117), crescemos com o outro, aprendemos com o outro, pois “simplesmente, não podemos pensar pelos outros, nem para os outros, nem sem os outros” (p.117). Nosso pensamento é tecido junto com o do outro. O diálogo se torna significativo pelo fato de seus interlocutores, ou seja, seus sujeitos dialógicos crescerem um com o outro. A poesia aconteceu através do diálogo com os “eus” e os “tus” daquela turma. Cada criança cresceu com o outro, descobriu o outro e descobriu-se. Criaram sentidos. Ambos revelaram-se poesia a partir do diálogo.

Essa experiência tecida no cotidiano da sala de aula afeta nosso modo de olhar a descoberta da leitura e da escrita como potente fonte criadora que agencia pensamento, linguagem e, sobretudo, sensibilidade. Pérez e Araújo (2011) enfatizam o quanto é significativo o diálogo da descoberta da leitura e da escrita com o mundo das crianças, nesse movimento, a palavra se transforma em um elemento de expressão escrita. Com liberdade e curiosidade as crianças produzem o delírio do verbo. Mesmo que ainda não saibam ler e escrever alfabeticamente, realizam descobertas sobre a leitura e a escrita, vivenciando situações reais de seu uso, seja com seus colegas ou com a professora, Pérez e Araújo (2011) explicam que “a apropriação da leitura e da escrita se processa através do uso da linguagem e com a compreensão de seus usos” (p.138).

No dialogismo da linguagem, na interação tecida com as crianças da alfabetização, as palavras se entrelaçam e produzem sentido em forma de poesia. Durante o diálogo das crianças, na troca de palavras, as mesmas recuperam suas conversas anteriores, suas leituras de mundo e ao mesmo tempo fiam palavra por palavra a leitura e a escrita. Skliar (2014) enfatiza que sem o outro a escrita não existe, pois se a escrita está despojada de alteridade, ela está sem o outro, desta forma a escrita não pode existir. O autor nos explica que “A escrita é um ato propositivo que se volta para o outro para que sua ficção se complete, mesmo na incompletude da língua. A palavra de um não acaba por delinear-se até que sobrevenha a palavra do outro[...]” (p.130). Assim, nasce a poesia a partir da palavra do “eu” que é lançada para “tu” e, nesse encontro, o individual se torna coletivo. Vira tecido. Fios de poesia entrelaçados. Poesia que me lança a outra poesia.

#### TECENDO A MANHÃ

Um galo sozinho não tece uma manhã:

ele precisará sempre de outros galos.

De um que apanhe esse grito que ele

e o lance a outro; de um outro galo

que apanhe o grito de um galo antes

e o lance a outro; e de outros galos

que com muitos outros galos se cruzem

os fios de sol de seus gritos de galo,

para que a manhã, desde uma teia tênue,

se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,

se erguendo tenda, onde entrem todos,

se entreendendo para todos, no toldo

(a manhã) que plana livre de armação.

A manhã, toldo de um tecido tão aéreo

que, tecido, se eleva por si: luz balão.

O raiar da manhã, na poesia de João Cabral de Melo Neto, nasce entre o cantar de muitos galos, um a um. Cada galo lança seu cantar. O grito de um galo busca outro grito ao mesmo instante que encontra com o do outro e que este por sua vez, lança ao outro, em ritmo constante. Fios sonoros se entrelaçam. São muitos cantos que se unem em um único canto para que se desenhe, no céu, sobre os galos a luz tênue da manhã. Cores. Infinitas cores em um único tecido matinal de infinitos fios sonoros multicoloridos que se ergue para todos. Os cantos se entrelaçam e a manhã nasce plena. Os fios não a aprisionaram, tornaram-na livre. Leve. Fios que se unem. Fiados um a um. Individual que busca o coletivo. Tecido que abriga. Abraça todos e em si se eleva.

Nesses laços dialógicos, manhãs e poesias são tecidas. Palavra convida outra palavra, o eu que se encontra com o tu, canto se lança a outros cantos, gritos que se cruzam, diálogos são fiados. Tecidos. A poesia da turma do 1º ano de Alfabetização tece fio a fio a leitura e a escrita a partir do diálogo entre os “eus” e os “tus” daquela turma, palavras lançadas ao outro que se entrelaçam e tecem a poesia. Poesia que tem leituras de mundo e tem história, nesse movimento, em si se eleva. Poesia que ilumina, assim como o sol da manhã, a qual é tecida todos os dias pelo canto dos galos. Poesias que se misturam com os gritos dos galos e juntos anunciam uma nova manhã.

### 3 | LEITURA E ESCRITA TECIDAS COM POESIA

#### INFANTIL

O menino ia no mato

E a onça comeu ele.

Depois o caminhão passou por dentro do corpo do menino

E ele foi contar para a mãe.

A mãe disse: Mas se a onça comeu você, como é que

o caminhão passou por dentro do seu corpo?

É que o caminhão só passou renteando meu corpo

E eu desviei depressa.

Olha, mãe, eu só queria inventar uma poesia.

Eu não preciso de fazer razão.

(Manoel de Barros, in: Meu quintal é maior do que o mundo, 2016, p. 126).

A descoberta da leitura e da escrita a partir do mundo de seus autores tecem uma alfabetização na qual “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1986, p.16). Leitura e escrita encharcada de poesia recolhidas no mundo das crianças da turma do 1º ano de Alfabetização. A criança escreve e vive a experiência com a escrita na qual “vai reconhecendo e recriando a sua capacidade de escrever, vai desvendando a sua linguagem, as suas palavras” (BARBOSA, 2012, p. 12). A leitura e a escrita como deslocamento e possibilidade para atingir outros espaços e territórios revelados através da aprendizagem dessas crianças que ao criar, se reinventam. Mais do que aprender a ler sílabas, as crianças aprendem a olhar e desvelar o oculto nas dobras das poesias, afinal, “para que aprender a ler senão para conhecer, movido pela curiosidade e o espanto primordiais, em diálogo com a palavra escrita que distende *sua leitura de mundo?*” (ZACCUR, 2001a, p. 26).

As palavras do poeta se arriscam em itinerários imprevistos e inesperados, estão cansadas da segurança dos mapas que as amarram e as sufocam. Na poesia, o poeta potencializa a palavra com sua visão criadora, não sequencial, liberta a palavra da escravidão na qual precisa sempre estar significando algo ou explicando o porquê de dizê-las, diferentemente, “o poeta não explica” (SKLIAR, 2014, p. 27). O poeta abre janelas, cria movimento e imagens com as palavras, as colore, não precisa “fazer razão”. As palavras que carregam em si informações exigem “prontidão e consumidores”, porém as palavras leves, aquelas que voam, querem brincar e bailar com a imaginação tenta “fazer com que seus leitores respirem de outra maneira” (SKLIAR, 2014, p. 22). Respirar para sentir. Sentir o que pulsa. O que move.

A partir da leitura das poesias tecidas em sala de aula, as crianças brincam com a entonação e a musicalidade que a mesma provoca, interação com gestos, sorrisos e espanto, sensações despertadas por esses textos sem precisar fazer razão. As crianças adentraram ao mundo da magia e do encanto convidados pela poesia que impregna a sala de aula. Seduz. Poesia nascida da fala das crianças, do diálogo com o outro. Dentro dessa dinâmica “as crianças não pedem permissão para aprender, vão exercendo seu direito à curiosidade, deixando-se levar pelo exercício do pensamento” (MORAIS e ARAÚJO, 2007, p.165). As crianças vão se deixando envolver pela vontade de descobrir o novo.

Ao tecerem a poesia no diálogo, na palavra dos “eus” e dos “tus”, as crianças vivem um movimento, no qual a sistematização da língua se evidencia, vivem coletivamente a escrita do texto, sentem seu processo de composição. Utilizam a escrita, através da professora, para descobrirem seus variados usos, registram suas leituras de mundo e se divertem, nesse movimento, aprendem que ao escreverem o conhecimento é socializado, aprendizagem esta realizada em um processo de produção de conhecimentos novos (PÉREZ, 1997).

Através da poesia, as crianças vão descobrindo a leitura e a escrita escrevendo e aprendendo, sem dominar regras gramaticais ou até mesmo a ortografia, apenas tecendo seu mundo, linhas potentes e ousadas. Descobrir a escrita para escrever seu mundo, suas histórias, escrever para aprender a escrever, pois “ninguém escreve se não escrever, assim como ninguém nada se não nadar” (FREIRE, 2000, p.38).

Nessa composição criativa, a palavra parte para outras interpretações, as palavras “vão ganhando matizes em que suas acepções são ampliadas” (ZACCUR, 2001b, p. 33). Baseada nos pressupostos teóricos de autores como Bakhtin, Zaccur (2001a) nos leva a pensar a leitura sob o aspecto da linguagem como interação, na relação com o outro por meio da palavra. Nessa dinâmica, a linguagem não se reduz puramente à língua, é também algo que está ligado ao seu ambiente, ao seu mundo e ao mundo do outro, desmitificando o enunciado neutro, pois “a palavra como território comum dos interlocutores pressupõe encontros, desvios, conflitos” (ZACCUR, 2001a, p. 39). Quando dizemos nossas palavras, nelas vão nosso olhar e nossas leituras de mundo, também assim, nos chegamos a palavra de nosso interlocutor, que por sua vez não é mero receptor. No encontro com outro, no diálogo entre os interlocutores somos convidados a pensar na leitura e na escrita sob o aspecto da linguagem como forma de interação.

As palavras vibram, ganham força quando encontram com a palavra do outro, o verbo pega delírio, ganha canto, “o humano produz mundos e neles se produz”, pois “as palavras nascem do movimento e produzem movimento” (ZACCUR, 2001a, p. 40). Laços vão acontecendo com o movimento da poesia que tece com a imaginação e com as leituras que antecedem a escrita dessas crianças. Ao ler as poesias dessas crianças, conseguimos enxergá-las como Zaccur (2001a) caracteriza “ser-leitor”, ou seja, o sujeito que existe mesmo antes da leitura das palavras, o ser-leitor das leituras do mundo na qual mantém uma relação mais próxima com a linguagem ao ponto de na escrita das palavras as tecerem com liberdade, sem a preocupação de lhes dar razão.

[...] o ensino da língua precisa considerar não só o usuário, mas também o ser-leitor curioso do mundo que se interroga, interpretando, pensando, criando e capturando retalhos nas experiências sensíveis e nas conversas cotidianas. Ao propor o substantivo composto ser-leitor, tento dar mais visibilidade à condição do ser necessariamente implicada à de leitor de uma linguagem multifolhada, em que várias linguagens se atravessam. (ZACCUR, 2001a: p. 34)

A linguagem misturada ao olhar do outro, capturada nas experiências sensíveis, nas conversas cotidianas e na palavravmundo grávida de múltiplos olhares tece essa pesquisa. Cada linha nos ajuda a compreender que a linguagem tem esse caráter social e que a mesma sofre transformações ao movimentar-se no diálogo com o outro. É a partir da leitura que antecede a escrita, a qual faz o sujeito interagir com o mundo e com a vida, que o ser-leitor extrai componentes que habitam seu mundo real e imaginário transformando-os em discursos verbais e não-verbais e sobretudo, discurso tecido a partir da experiência, essa mistura resulta em uma escrita habitada

por: VAMPIRO, LUA, ESCOLA, ESTRELA...

Cada aluno assumiu-se leitor-autor no contexto dialógico em que a produção correspondia não apenas ao seu turno de tomar a palavra, mas a um tecer que se fazia pinçando fios de outros discursos (verbais, não-verbais, experienciais), todo um inventário irrepetível, porque originado de suas histórias de sujeitos que, a partir do social, vão singularizando (ZACCUR, 1998, p.107).

A leitura, nessa perspectiva, vai além do texto, vai além da leitura e da escrita de sílabas e palavras. A leitura e a escrita no 1º ano da Alfabetização da tia Rosemary foram despertadas pela poesia, o *fio da poesia* foi tecido no diálogo de palavras lançadas ao outro, colhidas em suas leituras de mundo. O que as crianças desejam expressar sinalizam através de palavras e gestos, e em um processo de aprendizagem tecem na interação social suas experiências de leitores-autores.

#### 4 | LAÇOS DA POESIA

A maneira de dar canto às palavras o menino aprendeu com os passarinhos. (Manoel de Barros, in: Menino do Mato, 2017, p. 57).

A experiência da leitura e da escrita cotidiana nos faz pertencer, por uns instantes, àquela dinâmica outra que atravessa o nosso avesso e compõe nossa história, ou até mesmo, uma história que se compõe do avesso, uma história outra. Sem precisar “fazer razão”. Apenas senti-las para refrescar-nos com as palavras recolhidas no mundo dessas crianças-autoras, seja em seus sonhos ou pesadelos, ou quem sabe no caminho para a escola. Não importa. São palavras que pulsam no mundo desses autores, palavras que querem brincar, alçar voos, tagarelarem, sair dos porões.

A crueza com que as crianças assumem sua escrita, sua linguagem, não deixa de ser também sua nudez, sua transparência, essa tentativa para que a linguagem diga alguma coisa, algo que possa ser sentido como verdadeiro, no meio da completa nulidade deixada pela informação. (SKLIAR, 2014, p. 21).

Em meio à parede trincada da linguagem meramente informativa reverbera sua nulidade, a poesia desponta para ser sentida como algo verdadeiro, intenso. Nesse movimento, trajetos não são delimitados, é no percurso da descoberta da escrita e da leitura que eles se compõem. Nessa descoberta, a criança precisa se sentir encorajada a utilizar a escrita como “um veículo para sua expressão criadora, mesmo que ainda não domine o código convencional, pois é escrevendo que a criança vai construindo conhecimentos sobre a escrita” (PÉREZ, 2005, p. 101). Escrevendo a criança vai descobrindo seu próprio modo de tecer. Escolhe linhas e cores, abre a janela da imaginação e com o *fio de poesia* desenha e descobre territórios e mundos, traça fios sem nós, corre daqui e dali e escapa dos moldes, reinventa a palavra, se expressa, descobre sua linguagem através de sua própria escrita, nesse movimento, enxerga o outro através das lentes da linguagem sem precisar fazer razão.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de: LAHUD, M.; FRATESCHI, Y.6ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARBOSA, Severino e AMARAL, Emília. **Escrever é desvendar o mundo**. São Paulo, Papirus, 2012.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. São Paulo: Planeta, 2008.
- BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior que o mundo. Antologia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.
- FIORI, Ernani Maria. **Aprender a dizer a sua palavra**. In: Paulo Freire. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 2000.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. 2.reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra**. São Paulo: Nova Fronteira, 1965.
- MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos e ARAÚJO, Mairce da Silva. **Alfabetização**: desafios da prática alfabetizadora. *Revista ACOALFAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa*, São Paulo, ano 2, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.mocambras.org>> e ou <<http://www.acoalfaplp.org>>. Publicado em: setembro 2007.
- PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal, ARAÚJO, Mairce. **A “palavramundo” como conteúdo alfabetizador: problematizando o conceito letramento**. In: ZACCUR, Edwiges Guiomar dos Santos. (Org.). *Alfabetização e Letramento - o que muda* Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.
- PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal, SAMPAIO Carmen Sanches. **A pré-escola em Angra dos Reis – tecendo um projeto de educação infantil**: In GARCIA, Regina Leite. (Org.). *A formação da professora alfabetizadora: reflexões e práticas*. São Paulo: Cortez, 1998.
- PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Com lápis de cor e varinha de condão... Um processo de aprendizagem da leitura e da escrita**. In: GARCIA, Maria Leite. (Org.). *Revisitando a pré-escola*. São Paulo: Cortez, 2005.
- PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **O prazer de descobrir e conhecer**. In: GARCIA, R. L. (Org.). *Alfabetização dos alunos das classes populares*. São Paulo: Cortez, 1997.
- PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Professoras alfabetizadoras: histórias plurais, práticas singulares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

ZACCUR, E. (org.) **A magia da linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 2001a. 2ª Edição.

ZACCUR, Edwiges Guiomar dos Santos. **(RE)CRIANDO E ALFABETIZANDO: a partir de modos e sentidos?** In: GARCIA, Regina Leite (Org.) *Novos olhares sobre a alfabetização* São Paulo: Cortez, 2001b.

ZACCUR, Edwirges. **Aprendiz de modelo ou modelo de aprendiz?** In GARCIA, Regina Leite. (Org.). *A formação da professora alfabetizadora: reflexões e práticas*. São Paulo: Cortez, 1998.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME** Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alfabetização 62, 65, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 88

Alteridade 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 69, 109, 117, 119, 121, 122, 123, 124, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Amor 27, 30, 32, 45, 55, 92, 111, 117, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Astronomia 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21

Ateliê Conatus 87

### C

Comando 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119

Cotidianos 42, 47, 48, 51, 53, 57, 60, 97

Crianças 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 98

Currículos 42, 47, 48, 51, 53, 54, 57, 60

### D

Descobrimento 22

Didática 20, 22, 56

Discurso De Ódio 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

### E

Educação 13, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 56, 57, 60, 61, 62, 67, 70, 74, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 151, 153

Errância 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 53, 60

Escrileituras 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94

Esperança 14, 20, 40, 41, 43, 44, 57, 74, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108

Estado 12, 14, 21, 34, 36, 37, 40, 41, 44, 53, 54, 61, 78, 81, 87, 89, 97, 99, 100, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 126, 142, 150

Ética 21, 23, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 50, 51, 92, 94, 95, 96, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 125, 126, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Ético 30, 49, 109, 110, 115, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 131, 137, 138, 139, 140

Existência Humana 11, 13, 17, 18, 79, 123

Experiência 16, 24, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 68, 71, 72, 73, 74, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 89, 93, 98, 132, 133, 136, 139, 140, 147, 148, 149, 151

## **F**

Favela 96, 98

Fenomenologia 83, 84, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Filosofia 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 74, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 102, 106, 109, 117, 119, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 150

Filosofia Com Crianças 34, 37, 39

## **I**

Indústria Cultural 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152

Infância 34, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 53, 60, 80, 84

Infinito 32, 106, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 130, 135, 137, 138, 139, 140

Interdisciplinaridade 6, 11, 14, 17, 20

## **J**

Justiça 81, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129

## **L**

Lévinas 24, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 140

liberdade 18, 34, 40, 42, 44, 59, 68, 72, 92, 94, 101, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 150

Liberdade 44, 57, 108, 130

## **M**

Medo 18, 24, 27, 28, 29, 31, 32, 56, 60, 65, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 146

## **N**

Novas Mídias 142, 143, 149

## **O**

ONG 7, 96, 98, 99, 100, 105, 106, 107, 108

## **P**

Poesia 57, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

Política 13, 24, 28, 30, 98, 102, 114, 118, 142, 146, 150, 151

## **S**

Subjetividade 25, 28, 29, 49, 61, 82, 83, 85, 96, 113, 114, 116, 117, 119, 121, 122,

123, 124, 125, 130

## T

Transcendência 110, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 135, 140

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-683-6

